



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Financial Times**

**Palácio do Planalto, 07 de julho de 2006**

**Jornalista:** O senhor vai para São Petersburgo, para o G-8, na semana que vem? Essa reunião do G-8, se diz na imprensa que pode ser a possibilidade de se renovar um pouco todo esse processo de Doha, do comércio internacional, toda essa negociação. Tem possibilidade de o Brasil poder ajudar o problema que tem lá? É o momento, é a hora de uma medida ousada do Brasil, de fazer uma iniciativa para esquentar um pouco essa longa negociação do comércio?

**Presidente:** No G-8 não está previsto discutir a Rodada de Doha, não está previsto discutir a OMC. Tem dois temas que são os temas predominantes, o tema energético e o tema ambiental.

Eu, ao ser convidado resolvi que a minha ida e a de outros representantes do G-20... nós temos que criar as condições para discutir a Rodada de Doha, porque não é possível que se encontrem os presidentes dos países mais importantes do mundo e que o assunto mais importante não seja discutido.

Desde dezembro do ano passado, eu falei com o Tony Blair, falei com o Bush, falei com o Chirac, falei com Ângela Merkel, no sentido de ponderar com eles sobre a idéia de fazermos uma reunião dos líderes políticos para decidir, porque os negociadores não estão conseguindo decidir. Durante minha visita ao Reino Unido eu tive uma conversa com o Blair também nesse sentido. Na semana passada eu falei com o Bush outra vez; este ano, falei outra vez com o Chirac, quando ele veio aqui. Falei com Ângela Merkel, pela segunda vez, falei com o Tony Blair outra vez, tentando mostrar para eles que todos nós temos um mandato com um prazo certo para terminar. E que quando nós deixarmos



os mandatos, nós temos que analisar corretamente o seguinte: valeu a pena a gente governar? Por quê? O que nós fizemos, além de ajudar o nosso país ou prejudicar, o que nós fizemos para a Humanidade?

Na minha opinião, a Rodada de Doha é a coisa mais importante que podemos fazer para diminuir as desigualdades, criar oportunidades de desenvolvimento nos países mais pobres, enfrentar a luta contra o terrorismo e fortalecer a democracia. Se não houver essa compreensão dos líderes, a Rodada de Doha será um fracasso e, conseqüentemente, nós iremos demorar 30 anos ou mais para encontrar a solução que deveríamos encontrar agora. O Brasil tem assumido o compromisso de que cumprirá a sua parte.

Nós estamos propondo uma espécie de um triângulo. Como é esse triângulo? Os Estados Unidos assumem o compromisso de reduzir os seus subsídios, a União Européia assume o compromisso do acesso ao mercado agrícola e o G-20 assume o compromisso do acesso aos produtos industriais, de flexibilizar o serviço em produtos industriais, sempre levando em conta a proporcionalidade, em função da riqueza de cada país. Por exemplo, a agricultura, na Europa, tem um peso na geração de riquezas, na geração de empregos. No Brasil, tem outro. Mas na África tem um peso muito maior porque lá se depende só da agricultura.

Então, nós temos que encontrar uma solução, e essa solução não será encontrada pelos nossos negociadores, nem pelo negociador brasileiro, nem pelo negociador inglês, nem pelo negociador alemão, porque essas pessoas não têm o poder político de tomar uma decisão que possa mostrar o seguinte: vamos avançar. Então, a idéia é fazer essa discussão.

É uma situação delicada porque o Putin não é da OMC, então nós não podemos estar a convite do Putin e fazer essa reunião na OMC. Então, eu tenho dito aos líderes que eu não tenho nenhum problema de ir a Londres, eu não tenho nenhum problema de ir a Berlim, eu não tenho nenhum problema de ir a Roma, de ir a Paris, onde quer que seja. Nós temos que fazer, nem que for



duas horas de reunião para tomar uma decisão, porque senão será omissão pura dos principais líderes do mundo, incluindo o Brasil, incluindo a Índia, incluindo a China, incluindo toda a União Européia. Se nós não tomarmos uma decisão, nós iremos passar para a história como dirigentes políticos que, num momento delicado, nos omitimos de tomar uma decisão, preocupados com o problema eleitoral de cada país, porque não é econômico, é eleitoral. Cada um está pensando nas próximas eleições. Então, isso me preocupa.

Então, eu vou abordar isso lá, vou discutir, porque eu acho que o Tony Blair tem contribuído muito com essa discussão, ele tem sido amplamente favorável, tem a simpatia da Ângela Merkel, tem a simpatia do Bush. Agora, tem todo um cenário de participantes que não quer mexer em nada.

A coisa mais importante a ser resolvida neste mês de julho é a questão da OMC.

**Jornalista:** E qual o obstáculo maior?

**Presidente:** O obstáculo maior, do lado americano, é não querer reduzir o subsídio de uma forma substancial. Do lado do G-20, tem países que têm problemas com acesso a produtos industriais e, do lado europeu, o problema do acesso à agricultura, ao mercado agrícola, com o argumento de que tem novos países na União Européia que são produtores e países pobres, tem o problema da França, que é um problema muito delicado, é um tema mais nervoso. Então, um fica acusando o outro: “não faço por causa do outro.” E na medida em que a gente estiver juntos, nós temos que encontrar um jeito de conversar esse assunto. Esse é o meu propósito de ir ao G-8. Antes da reunião com o G-8 nós vamos ter uma reunião com o G-20 e vamos ver o que nós podemos fazer. É isso, eu vou com essa esperança.

**Jornalista:** A idéia é dar mais energia ao processo?



**Presidente:** A idéia é dar mais força à decisão política. Na minha tese, os nossos representantes que estão na mesa de negociação, estão, como se diz na Inglaterra, numa “sinuca de bico”, estão “sinucado”, têm pouco a andar. Então, eu acho que, agora, os principais dirigentes têm que dizer se querem ou não querem. E temos que assumir a responsabilidade do resultado de tudo isso.

**Jornalista:** Essa seria uma medida ousada, realmente tentar...

**Presidente:** Eu acho que seria uma medida muito ousada se os líderes assumissem para si a responsabilidade de decidir.

**Jornalista:** O senhor é otimista, o que pode resultar isso?

**Presidente:** É importante sempre lembrar que eu não sou do G-8, eu sou apenas convidado.

**Jornalista:** Quais são os aliados no G-8, quais são os que mais (inaudível) nesse processo?

**Presidente:** O Tony Blair tem tido um papel, eu diria, muito interessante nesse episódio; a Primeira-Ministra da Alemanha tem tido um papel muito simpático nesse episódio; o Bush tem tido um papel de simpatia por um acordo; o Chirac tem tido uma posição mais dura em defesa dos agricultores franceses, e a posição do Chirac pesa muito na Europa.

Mas veja, nós somos todos amigos, então nós precisamos discutir com muita franqueza. O que nós não podemos é deixar de discutir o tema mais importante.



**Jornalista:** Se não avançar, tem bastante comentários na imprensa, recentemente, do perigo de não avançar e o risco que isso oferece para a globalização e o desenvolvimento em geral. Qual seria o impacto do Brasil, de não conseguir ir em frente com isso?

**Presidente:** Para o Brasil o impacto não é dos mais importantes, porque o Brasil entende que todos os países emergentes e os países desenvolvidos deveriam ceder um pouco para que os países mais pobres ganhassem um pouco – os países menores da América Latina, os países da África – porque o Brasil é competitivo na questão agrícola, o Brasil tem tecnologia, o Brasil tem produtividade. Nesse aspecto, o Brasil é muito competitivo.

Obviamente que ajudaria o Brasil, que ainda tem 23% da sua mão-de-obra no campo. Mas, nesse momento, eu confesso a vocês que eu estou pensando mais em que gesto nós poderemos fazer, para que os países mais pobres tenham um ganho. Por exemplo, tem um país na África que só vende algodão e produz pouco algodão. Quer dizer, se nós não permitirmos o acesso desse produto nos mercados mais ricos, esse país vai continuar pobre e miserável, sem nenhuma perspectiva de crescimento, de desenvolvimento. Bem, todo mundo tem essa sensibilidade mas, muitas vezes, eu acho que o que pesa mais é a sensibilidade interna, em função eleitoral.

**Jornalista:** Podemos falar um pouco sobre a América Latina? Na semana passada o senhor esteve em Caracas, com a questão do Mercosul. E, obviamente, a América Latina tem sido, durante todo o governo, uma prioridade, o eixo central, talvez, da política exterior do Brasil. Como o senhor estima o progresso em tudo isso? Recentemente temos visto alguns problemas na Argentina e Uruguai, o problema da Bolívia, obviamente, o conflito sobre o gás, entre vocês e eles, tem muita controvérsia sobre o papel que está



assumindo o presidente Hugo Chávez. Como o senhor vê todo esse processo, a integração que está procurando? Estamos avançando ou o processo está mais difícil do que, talvez, estava esperando?

**Presidente:** Toda vez que alguém do Japão, dos Estados Unidos ou da União Européia vê a América Latina, é preciso compreender duas coisas básicas. Nós somos um Continente que estamos consolidando o processo democrático.

É importante lembrar que não faz muito tempo que quase todos os países importantes da América Latina estavam vivendo sob regimes autoritários, e é importante lembrar que vários setores da esquerda, na América Latina, viam como única opção de chegar ao poder, a luta armada.

Desde 1990 nós estamos, junto com outros setores da América Latina, construindo a idéia de que a democracia é a melhor forma pela qual os setores que se sentem excluídos da política possam chegar ao poder. Então, nós somos um Continente num processo... um Continente em formação. Nós não temos problema de geologia, mas nós temos problemas ideológicos, ou seja, estamos num processo de formação, estamos consolidando uma dinâmica democrática na América Latina. A minha eleição, a do Kirchner, do Nicanor, do Tabaré, do Evo Morales, do Chávez, tem mudado o cenário político da América Latina. Os conflitos, que muitas vezes aparecem com força na imprensa, são os conflitos naturais das diferenças assimétricas entre os países.

Nós temos que compreender que sempre o Paraguai, sempre o Uruguai, sempre a Bolívia, vão ter um argumento para dizer que eles são pobres por conta dos países mais ricos. Como muitas vezes, aqui na América Latina, nós dizíamos que éramos pobres por causa dos Estados Unidos, por causa da Europa, e não olhávamos os nossos defeitos, não olhávamos as coisas que nós deveríamos fazer e não tínhamos feito.

Eu acho que a América Latina vive um momento importante da sua história, independentemente do discurso de quem quer que seja. A América



Latina está convencida, a partir da América do Sul, de que a saída nossa é consolidar o processo da integração, não a integração teórica, a integração do discurso, mas a integração física, com infra-estrutura, com estradas, com ferrovias, com comunicação, com energia. Baseado nisso, o Brasil tem decidido fazer investimentos em alguns países. O Brasil, hoje, tem investimentos de quase 3 bilhões de dólares, financiamentos nos países da América do Sul, para que a gente possa dotar a América do Sul de um pouco mais de infra-estrutura.

Achamos que é preciso fazer muito mais, porque somente a integração vai permitir que haja a circulação, não apenas de mercadorias, mas dos latino-americanos. E a nossa tese encontra respaldo no resultado que nós tivemos nesses anos de governo. Hoje, a América Latina é o maior comércio brasileiro, são quase 28 bilhões de reais que nós exportamos para a América Latina, são 27,8 bilhões de reais, o que significa 22% das exportações brasileiras. É um percentual muito importante, na verdade representa 22,1 %, o que é um número... nós saímos de 9 bilhões para 27,8 bilhões. Com a Argentina, nós saímos de 2,3 bilhões para 10,7 bilhões. Com a União Européia, nós temos 27 bilhões, com os Estados Unidos, 23 bilhões. Isso é uma coisa extremamente importante. Nós estamos mostrando que é possível, com parceria e com seriedade, numa política de troca entre nós, nós nos ajudarmos, nos ajudarmos a crescer.

E aí entra a consolidação do processo democrático. Eu nunca fiquei nervoso com a crise da Bolívia, por uma razão muito simples. Primeiro, quando o Evo Morales ganhou as eleições, o referendo na Bolívia, feito ainda no tempo do presidente Carlos Mesa, tinha consagrado que 92% do povo boliviano queria a nacionalização do gás. Então, não era um desejo do Evo Morales, era o cumprimento de um referendo. Se ele fez de forma abrupta ou não, o dado concreto é que ele cumpriu o resultado de um referendo.

Qual é a minha tranquilidade? A minha tranquilidade é que, primeiro, a



Bolívia tem consciência da importância do Brasil na relação com a Bolívia e, sobretudo, na exploração do gás. O Brasil tem noção da importância do gás boliviano para o Brasil. Na verdade, nós precisamos uns dos outros, a Bolívia precisa vender o gás para o Brasil e o Brasil precisa comprar o gás da Bolívia. Então, ninguém vai conseguir impor, a ninguém, uma única visão.

**Jornalista:** Mas a despeito disso tinha alguns atritos não? Com a nacionalização?

**Presidente:** É, mas é normal. Primeiro, porque cada dirigente fala para o seu povo de acordo com os seus interesses. Como o Brasil é o maior país, o Brasil tem que ser mais cauteloso, o Brasil tem que ter mais cuidado com as palavras. A chamada “direita conservadora brasileira” queria que eu abrisse uma guerra com a Bolívia, que eu fizesse qualquer coisa abrupta com a Bolívia. E como eu achava que era possível negociar e ir encontrando solução, que era preciso deixar a poeira abaixar um pouco, aconteceu. Eu tive uma conversa com o presidente Evo Morales em Viena, chegamos a uma visão sobre o problema do gás e hoje, normalmente, a Petrobras, a empresa boliviana, o Ministério de Minas e Energia e o Ministério da Bolívia estão conversando. Essa conversa pode demorar um mês, pode demorar três meses, pode demorar quatro meses, mas o dado concreto é que nós estamos na época da renovação do acordo do preço. Então, é normal que estejamos à mesa negociando, é normal. Eu fico imaginando se fosse no Brasil, um referendo como o da França, sobre a Constituição europeia, e o povo brasileiro tivesse votado contra. Como nós seríamos atacados: “por que aquele país terceirista, da América Latina, radical, esquerda, não sei das quantas.” Mas na França houve voto da direita e voto da esquerda contra o referendo. A Inglaterra passou muito tempo sem querer... discutindo a União Europeia, passou muito tempo divergindo da moeda única, passou muito tempo



divergindo... e tudo isso é encarado com normalidade. E é normal da democracia. Democracia sem divergência, não é democracia. Não existe democracia consensual.

Eu acho que nós temos que ter clareza do seguinte: primeiro, o Brasil trabalha para que tenha paz na América Latina. Segundo, o Brasil trabalha para ajudar a consolidar o processo democrático na América Latina. Terceiro, o Brasil trabalha dentro das nossas possibilidades, porque também somos um país pobre, nós trabalhamos para ver se o desenvolvimento da América Latina seja acompanhado de forma mais solidária entre todos os países, para que a gente possa crescer juntos, porque não adianta ter um país mais rico, cercado de miseráveis por todos os lados.

Eu tenho dito isso porque todo presidente que eu encontro, ele pergunta da América Latina. Eu posso te dizer o seguinte: se tem um lugar no mundo, hoje, que eu posso dizer que vive em paz, é a América Latina e a América do Sul.

Eu sei que, muitas vezes, as pessoas ficam assustadas com os discursos. Mas o discurso é discurso. Um tempo desses eu falei com o Bush e com o Chávez. Eu disse assim: essa briga de vocês é muito interessante, porque a Venezuela depende quase que exclusivamente de vender o petróleo para o Bush. Portanto, poderia parar de vender e criar uma situação delicada para os Estados Unidos. O Bush poderia parar de comprar e criaria uma situação delicada. Entretanto, eles continuam comprando e vendendo. Então, eu acho que se a gente levar em conta a experiência política da América Latina, o que nós éramos 20 anos atrás, 15 anos atrás, e levarmos em conta o que está acontecendo agora, eu posso dizer em alto e bom som: é a parte do mundo mais tranqüila, hoje. Nós temos problemas internos, temos problemas entre nós, como tem em todo lugar.

Um tempo desses eu vi, na televisão, alguém jogando um copo com alguma coisa no Tony Blair, acho que era talco ou sal. Outro dia eu vi alguém



jogar um copo de sangue no Schroeder, quando ele era primeiro-ministro da Alemanha. Aqui, no Brasil não acontece isso. Se acontecesse, puxa vida, seria... aqui não acontece isso. Aqui, nós estamos, por Deus do céu, aprendendo a consolidar o processo democrático brasileiro e na América Latina, na adversidade.

**Jornalista:** Esse processo é um processo gerenciado, que envolve bastante gerenciamento e bastante personalidades. Fale um pouco sobre isso, sobre o relacionamento com o Hugo Chávez, e como a chegada da Venezuela ao Mercosul influi nesse relacionamento, nesse gerenciamento.

**Presidente:** É muito importante a vinda da Venezuela para o Mercosul, porque antes as pessoas tratavam o Mercosul como se fosse uma coisa do Cone Sul. Agora, nós estamos ligando o Caribe à Patagônia. A Venezuela é um país de 30 milhões de habitantes, um país com um potencial de desenvolvimento importante, um país que tem muito petróleo, tem muito gás e, portanto, nós queremos construir, junto com a Venezuela, projetos estratégicos de desenvolvimento do Continente. Tem os problemas políticos do Chávez com os Estados Unidos, mas é um problema da Venezuela com os Estados Unidos, não é um problema que envolve a América Latina, que envolve a América do Sul, que envolve outros países.

Nós fizemos toda uma mudança na política comercial do Brasil e nunca deixamos de ter uma boa relação com os Estados Unidos, nunca deixamos de ter uma boa relação com a União Européia. Nós criamos o G-20 e não se criou nenhum antagonismo com a União Européia, nem com os Estados Unidos, porque eu também acho que todos nós estamos aprendendo a conviver de forma mais civilizada, levando em conta a situação de cada país.

Então, a entrada do Chávez no Mercosul... eu vou dar um exemplo: o Brasil exporta para a Venezuela, praticamente, 2 bilhões e meio de dólares. É



muito. O Brasil financia na Venezuela metrô, o Brasil financia estrada, financia pontes. Nós estamos fazendo uma parceria para construir uma refinaria em Pernambuco, entre a PDVSA e Petrobras.

Eu acho que a nossa relação com a Venezuela é uma relação de qualidade, uma relação de confiança. Eu converso muito com o presidente Chávez sobre a necessidade de a gente ter um comportamento político que não crie problemas para os outros países. De vez em quando tem problema. É importante lembrar que no dia 25 de janeiro, eu tinha 25 dias de posse quando nós propusemos um grupo de amigos para ajudar a encontrar uma saída para a Venezuela. E eu me lembro, como se fosse hoje, que quando eu propus que os Estados Unidos participassem, houve quem dissesse que eu estava entregando a Venezuela aos Estados Unidos. E eu disse ao Chávez: olha, Chávez, nós não queremos criar um grupo de amigos do Chávez, nós queremos criar um grupo amigos da Venezuela, ou seja, pessoas que vão partilhar, para que a gente possa consolidar a democracia.

E veja que engraçado: eu coloquei a Espanha. A Espanha tinha sido o único país a reconhecer o golpe. E isso deixou o Chávez muito chateado. Ele estava em Nova Iorque, eu pedi para o Chávez vir ao Brasil e ele veio. Ficamos quatro horas reunidos para mostrar a importância de ter os Estados Unidos e a Espanha no grupo de amigos.

E, depois, foi um sucesso, porque várias entidades participaram da fiscalização do processo eleitoral, do referendo, o Jimmy Carter veio aí, com a sua Fundação, participou. E nós estamos consolidando esse processo, tendo sempre em conta que precisamos conversar muito, discutir muito. Às vezes, há incompreensões. Esse eu acho que é o papel que o Brasil pode jogar.

**Jornalista:** É importante para a Venezuela que a oposição participe nas eleições, em dezembro?



**Presidente:** Bem, em todas as conversas que eu tenho tido com o presidente Chávez, ele acha que é extremamente importante a oposição participar do processo eleitoral.

**Jornalista:** E o senhor está dando outro conselho a ele? Manter essa coisa aberta?

**Presidente:** Eu sou muito amigo do Chávez, e a relação do Chávez com o Brasil é uma relação boa, desde o tempo do presidente Fernando Henrique Cardoso, porque o Chávez já está há quase oito anos no governo. Tanto o Kirchner quanto eu temos conversado muito com o Chávez. Ou seja, nós temos que tensionar menos as relações, com quem quer que seja, para que a gente possa ir consolidando o processo democrático. Na medida em que a gente fortaleça as instituições, a gente passa a não ter medo do próximo governo porque, quem vier, se as instituições forem sólidas, nós saberemos que haverá democracia.

Então, nós temos conversado muito, em todos os encontros nós conversamos bastante. A nossa relação com a Argentina, eu acho que é a melhor relação de todos os momentos entre o Brasil e a Argentina. E o Brasil tem uma relação muito boa com o Peru, o Brasil tem uma relação muito boa com a Colômbia, o Brasil tem uma relação muito boa com o Equador.

E eu digo sempre o seguinte: o Brasil tem que ter mais responsabilidade que os outros, porque nós somos os maiores. Nós temos mais população, temos mais território, a nossa economia é maior. Então, nós temos que ter mais generosidade nessa relação, mais paciência. É o que eu disse ao primeiro-ministro Tony Blair: a Inglaterra, historicamente, é um país extremamente importante. Então, a Inglaterra sempre vai ter um papel importante nas coisas da Europa, porque é um país de uma dimensão política e cultural extraordinária, além de ser um país rico. O Brasil também tem aqui



na América do Sul, junto com a Argentina, esse papel, de tentar sempre criar as condições para que as coisas sejam resolvidas da melhor maneira possível, numa mesa de negociação, sem que haja atritos. E eu acho que estamos conseguindo.

Eu só queria que vocês compreendessem que a nossa democracia é muito nova e, por ser nova, ela vai se consolidando e eu acho que nós, no Brasil, já demos demonstrações inequívocas de que a democracia chegou aqui para ficar definitivamente. Não tem meia democracia, é democracia nas suas últimas conseqüências.

**Jornalista:** O senhor foi candidato muitas vezes, aprendeu muita coisa como candidato ao longo dos anos. O que o senhor aprendeu sobre governar, agora, nesses três anos e meio até hoje? Quais as três coisas mais importantes, pode ser positivo, pode ser negativo, três coisas mais importantes que o senhor tem aprendido nos últimos três anos.

**Presidente:** A primeira coisa importante para governar é você ter o domínio da máquina que você governa. Em um país do tamanho do Brasil, você leva algum tempo para ter um certo controle da máquina. É sempre assim, no primeiro ano você planta, para colher durante o restante dos anos. Eu acho que nós estamos vivendo um momento, eu diria, quase mágico na política brasileira. Nós estamos vivendo um momento de solidez econômica, com todas as coisas acontecendo de forma favorável. Nós temos uma forte política social, estamos fazendo uma forte política educacional, e estamos projetando para o futuro coisas extremamente importantes para consolidar o Brasil como um país desenvolvido.

Uma coisa muito difícil na democracia, e ao mesmo tempo uma coisa extremamente importante, é a relação com o Congresso Nacional. Eu penso que em todo o mundo democrático essa é uma relação que muitas vezes



aparece na imprensa como uma relação conflituosa mas, quando você vai ver, no fundo, no fundo, o Congresso Nacional é o retrato da cara do país na época da eleição e, portanto, você tem que conviver com ele.

Eu acho que esse aprendizado foi muito importante mas, o mais importante para mim foi domar a inflação, dobrar as exportações, facilitar o crédito para o povo brasileiro que, hoje, eu acho que é o maior de toda a sua história. Você quer saber de uma coisa? Eu poderia dizer para você: eu acho que governar é bom. O prazer de ver as coisas acontecerem, o prazer de você ver brotar uma coisa que você plantou. Eu acho que esse é um aprendizado extraordinário, sobretudo o aprendizado da convivência democrática na diversidade.

Veja que eu comecei o governo propondo uma reforma tributária e propondo uma reforma na Previdência Social. Fizemos a reforma da Previdência Social, que é uma reforma de longo prazo, e fizemos meia reforma tributária porque a parte federal foi resolvida, mas a parte estadual não foi resolvida. Eu penso que nós vamos ter que consolidar essa segunda fase da reforma tributária para consolidar uma política tributária justa no Brasil.

Vocês acompanharam bem e sabem que foi muito difícil o primeiro ano. Muito difícil porque a inflação estava com perspectiva de alta, porque a credibilidade brasileira era muito pequena, o risco-Brasil era muito alto e nós fizemos, possivelmente, o maior ajuste fiscal que alguém já fez neste país, para poder consolidar sem vender nenhuma empresa estatal. Fizemos um sacrifício na própria carne. E começamos a colher os resultados, que hoje, na minha opinião, estão consolidados. Veja, nós chegamos a um momento... quando eu ganhei o governo a gente era obrigado a vender dólar para baratear o dólar. Hoje nós somos obrigados a comprar para aumentar o valor do dólar. As nossas reservas eram quase nada, hoje nós temos reservas mais ou menos consolidadas, temos superávit de conta-corrente, coisa que nós tínhamos déficit de conta-corrente. Só o fato de você não trabalhar preocupado de, no



final do ano, ir pedir dinheiro emprestado para alguém para fechar suas contas, me faz dormir tranqüilo.

Uma coisa que me gratifica muito é saber que no meu mandato, nos últimos 36 meses, depois de muitos e muitos anos, 90% do movimento sindical faz acordos com ganhos reais de aumento de salário. Eu fui dirigente sindical num momento muito importante e quando eu perdia pouco, eu já estava satisfeito. Hoje, os dirigentes sindicais fazem acordo ganhando aumento de salário. E nós conseguimos fazer tudo isso sem abrir mão da responsabilidade fiscal. Por quê? Porque eu trouxe do berço, trouxe como formação da minha mãe, que era analfabeta, que a gente só gasta o que a gente tem. A gente não gasta para os outros pagarem. E isso balizou o meu comportamento aqui, ou seja, é preciso aumentar o superávit, vamos aumentar o superávit. Vocês estão lembrados que era 4%, 3,75%, eu levei para 4,25% e não teve nenhum problema.

**Jornalista:** Só nesse ponto. O aumento do superávit tem sido criticado por ter conseguido, enquanto pagando juros, ir baixando o investimento, as despesas correntes continuam. Não podia ter sido um ajuste...

**Presidente:** Veja, eu pago juros porque eu tenho uma dívida grande, eu herdei uma dívida muito grande. E você veja que ela está diminuindo. Todo ano ela diminui um pouco. Mas eu peguei uma dívida muito grande. Eu tinha assumido a responsabilidade de cumprir os compromissos deste país, de cumprir contratos, e cumpri. E vou continuar cumprindo, porque nós temos um patrimônio que é a conquista de andar de cabeça erguida. E você só pode fazer isso se estiver realmente com os seus deveres cumpridos. Eu vou dar um exemplo: eu descobri que o Brasil não pagava a ONU no dia 23 de setembro de 2003, quando eu ia fazer o discurso na ONU. Falou o Kofi Annan, depois seria eu, depois falaria o presidente Bush. E quando eu estou me preparando



para falar, estou lendo o meu discurso, chega o meu assessor e fala o seguinte: “Presidente, o Brasil faz tempo que não paga a ONU.”

Bem, eu fui para o discurso. E o discurso era duro contra a guerra do Iraque e também levantando a questão do combate à fome no mundo. Aí eu fiquei pensando, eu vou falar, daqui a pouco o Kofi Annan bate ali, o Presidente da Assembléia bate ali no microfone e fala: “seu Presidente do Brasil, se o senhor quer falar grosso, primeiro pague o que deve.” Só para dar um exemplo de como era a situação do Brasil. A gente não pagava a ONU, a gente não pagava a FAO, a gente não pagava quase nada.

Eu penso que assumir os compromissos que nós assumimos foi o que permitiu que nós chegássemos aonde estamos agora. Posso te garantir que há muitos e muitos anos o Brasil não vive um momento de tranquilidade na área econômica, como vive agora.

Todos os países estão aumentando os juros e o Brasil está reduzindo os juros. E mesmo o ajuste pesado que nós fizemos não diminuiu os nossos investimentos em política social. Veja que eu estou falando a palavra “investimento” em política social porque, habitualmente, no Brasil, se falava “gasto”. Eu falo em investimento, porque é investimento em gente, é investimento numa parcela excluída da sociedade. Nós saímos de 7 bilhões de reais de programas sociais para 22 bilhões de reais, em 2006. É muito dinheiro.

É por isso que a PNAD de 2004 já mostra que 3 milhões de pessoas saíram da linha de pobreza, é por isso que o Índice de Gini está melhorando, é por isso que a mortalidade infantil está diminuindo, é porque a política social está atingindo todo mundo. São 11 milhões e 100 mil famílias recebendo o Bolsa Família. Eu não quero que elas recebam a vida inteira, eu quero que daqui a alguns anos a gente tenha um desenvolvimento, que tenha emprego e que essa gente possa viver do seu salário. É esse o Brasil que eu quero construir.

Isso não impediu que nós investíssemos muito em educação. Eu vou



terminar o meu mandato com quatro universidades federais novas, com seis faculdades transformadas em universidades, 42 extensões universitárias e 42 escolas técnicas, não tinha uma desde 1998. E estou fazendo isso porque aprovamos o Fundeb. Agora, são mais 4 bilhões e 300 milhões na educação. Aumentamos um ano de escolaridade para as crianças, que entravam com sete e estão entrando com seis anos. Criamos o ProUni, que colocou mais de 200 mil novos jovens na universidade. Se nós não investirmos em educação e em política social, o Brasil não dará o salto de qualidade de deixar de ser um país em desenvolvimento para ser um país desenvolvido.

**Jornalista:** Mas do outro lado, daqueles que criticam o gasto em dívida, em vez de investimento, tem os outros que criticam gastos com despesas correntes, em vez de investimentos. Não dava, do lado deles, em chegar a um ajuste de melhor qualidade?

**Presidente:** A gente faz o que é possível fazer, mediante a quantidade de dinheiro que se tem. Eu aprendi, desde pequeno, que quando a gente contrai uma dívida, a gente paga. Então, nós assumimos o compromisso de pagar essa dívida.

Ao mesmo tempo, a nossa dívida corrente... muita gente fala: “O governo investe muito em custeio”. Mas a máquina pública precisa funcionar. Você não pode ter uma máquina pública falida, com funcionários mal remunerados, trabalhando com má-vontade. Você tem técnico, no Brasil, da mais alta qualidade, ganhando 8 mil reais. Esse cidadão vai para a iniciativa privada e ganha 30, ganha 40 mil reais. Um técnico da Petrobras, que ganha 20 mil reais, que as pessoas acham que ganha muito, é contratado por um grupo privado para ganhar 80, 90, 100 mil por mês.

Então, nós temos que fazer essa combinação. Nós temos que acertar o pagamento da nossa dívida corretamente, garantir que ela vai ser paga, porque



é a única forma de diminuir a nossa dívida, e ela está diminuindo. Diminui a dívida externa, diminui a dívida interna, aumenta o superávit de conta-corrente, aumenta a nossa capacidade de investimento, aumenta o superávit da balança comercial, aumenta o salário dos trabalhadores, aumenta o salário mínimo, e o Brasil continua numa situação, eu diria, boa.

Hoje, comparado a muitos países do mundo, o Brasil está numa posição, eu não diria, ainda totalmente sólida, mas o Brasil está numa posição sólida. Antigamente, se os Estados Unidos espirravam, nós pegávamos pneumonia. Hoje, os Estados Unidos espirram e nós espirramos também. É uma gripe lá e uma gripe aqui.

Agora, veja, estamos pensando no futuro. Em janeiro de 2007, nós começamos um pólo petroquímico no Rio de Janeiro, um investimento de 14 bilhões de reais. Nós começamos uma refinaria em Pernambuco com, praticamente, 2 bilhões e 700 milhões de dólares. Já começamos uma ferrovia ligando Pernambuco a Fortaleza, o Porto de Suape ao porto de Pecém, 4 bilhões e meio de reais. Começamos a BR-163 que liga o Norte do país, Santarém a Cuiabá, que é a estrada mais ecologicamente bem feita no mundo, vai ser um padrão, começamos agora.

Eu acho que as coisas estão mais ou menos encaixadas, e para chegar aonde nós chegamos, nós fizemos sacrifícios. No primeiro ano eu queimei meu capital político fazendo o que tinha que ser feito, para agora poder...

**Jornalista:** Tem pessoas dentro do PT que estão reclamando uma mudança, ou seja, lá nas diretrizes do programa do PT. Estão dizendo que estão procurando um salto de qualidade no próximo governo. Depois de outubro, estão procurando também mudança nos paradigmas para outro padrão de desenvolvimento. Como o senhor vê, ou seja, você é presidente do país e também é líder histórico do PT.



**Presidente:** Veja, primeiro, eu não conheço ainda porque isso está num processo de debate, eu não conheço ainda. Eu tenho certeza de que os companheiros haverão de trazer o programa para eu concordar ou não, porque é importante que haja uma combinação entre o programa e o candidato que vai executar. O que as pessoas não percebem com muita clareza é o seguinte: quando as pessoas falam em novo padrão de desenvolvimento, na verdade, eu acabei de dizer para você, ele já está acontecendo. O que as pessoas querem, na verdade? Querem juros mais baixos, as pessoas querem mais investimentos. Isso já está acontecendo, isso já está acontecendo neste momento e só está acontecendo agora porque nós estamos plantando isso desde 2003. Se tivéssemos feito loucura em 2003, não sei se nós estaríamos aqui agora.

Então, foi todo um trabalho de consolidar uma aliança política interna, consolidar a aliança política internacional, mudar os padrões de relação do Brasil com o mundo, conversar um pouco mais com a América do Sul, América Latina, conversar um pouco com a África, conversar um pouco com o Oriente Médio. Fazer parceria estratégica com a China, com a Rússia, com a Índia, com a África do Sul, para que a gente mudasse um pouco a geografia comercial do mundo, para que a gente contrabalançasse um pouco essa geografia comercial, e isso está acontecendo nesse momento.

O G-20 foi uma coisa extremamente importante. O mundo desenvolvido continua poderoso, continua rico, mas ele sabe que em qualquer coisa, em nível internacional, tem que ouvir o G-20, porque hoje, com o G-20, tem que ser levada em conta uma China, uma Índia, um Brasil, uma África do Sul, um México, uma Argentina. Ora, então o que nós fizemos? Nós nos transformamos em atores políticos, nós éramos só coadjuvantes.

**Jornalista:** Como o crescimento, recentemente, dos últimos anos do Brasil têm sido erráticos, às vezes sobe, às vezes desce. Como que faz para isso ser... a



taxa de crescimento às vezes sobe, às vezes desce, tem sido errático no Brasil nos últimos cinco, dez anos?

**Presidente:** No mundo inteiro ela é assim. Tem época em que a Inglaterra cresce 1%, tem época em que a Inglaterra cresce 3%, tem época em que cresce 1%, tem época em que cresce 3%, o Japão passou dez anos sem crescer. O Brasil está no planeta Terra, então nós ficamos, também, dentro de uma bússola que coordena o mundo, o Brasil sobe e desce de acordo com as possibilidades do mundo. O que nós construímos, na verdade, foi uma solidez macroeconômica para não ficarmos vulneráveis às ameaças de crise. Isso nós conseguimos fazer. Eu tenho dito sempre o seguinte: se o Brasil crescer alguns anos seguidos a uma taxa de 4,5% a 5%, o país vai dar um salto de qualidade em pouco tempo. No nosso governo, nós vamos terminar o mandato com uma média de crescimento de 3,9% a 4%, que é o dobro do que o Brasil crescia antes. Agora, é pouco ainda. Nós queremos consolidar isso por vários anos. Para quê? Para que a gente tenha um crescimento sustentável.

**Jornalista:** Mas o que se faz? Quais são as prioridades, as medidas práticas para assegurar isso, para baixar juros, para fazer investimentos?

**Presidente:** Está acontecendo agora, exatamente agora está acontecendo. Você veja que os juros estavam 26,5%, os juros hoje estão 15,25% e vai continuar caindo. Os juros financiados pelo BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que eram 9,75% estão 7,5%. A TJLP. O crédito ao consumidor, com o crédito consignado. Ou seja, são milhões e milhões de brasileiros que tiveram acesso a crédito. Tudo isso é dinheiro que está circulando no mercado. Em função disso, nós podemos fazer alguns projetos. Veja, só a Petrobras, tem 87 bilhões de investimentos até 2010, só a Petrobras, dos quais grande parte dos 87 bilhões de dólares que ela tem que



investir, 75 bilhões serão investidos no Brasil, em dez anos, em obras de infraestrutura energética.

O Brasil tem hoje no etanol, no biodiesel e no H-Bio, uma fonte inesgotável de negociação com outros países do mundo. Ninguém consegue competir com o Brasil na base do etanol. O H-Bio é uma revolução energética patenteada pela Petrobras: refinar o óleo vegetal diretamente, junto com o petróleo e tirar um óleo diesel de qualidade. O biodiesel é uma coisa que pode ser utilizada para ajudar a desenvolver outros países mais pobres do mundo, não apenas o Brasil. Só para você ter idéia, nós, em 18 meses que estamos com o biodiesel, já temos 100 mil empregos no campo, camponeses trabalhando por conta do programa Biodiesel. E vai ser muito mais, porque ele foi projetado com uma função social e não com uma função simplesmente de combustível.

Qual é a função social? Pegar as partes mais pobres do Brasil e fazer o plantio de mamona, o plantio de dendê, para que a gente possa dar emprego para as pessoas mais pobres no campo, com preço garantido e com um incentivo à empresa que comprar do pequeno produtor. E essas coisas todas estão se consolidando agora.

Eu vou dar um exemplo para você das coisas que têm acontecido no Brasil. No ano que vem, nós vamos estar concluindo 22% de tudo que foi feito em termos de linhas de transmissão de energia em 122 anos. Em quatro anos e meio nós estaremos fazendo 22% de tudo o que foi feito em 122 anos.

Eu vou dar um outro exemplo para você. A Ferrovia Norte-Sul, de que vocês já ouviram falar, começou em 1987. Portanto, de 1987 a 2002 são quantos anos? São 15 anos. Em 15 anos foram feitos 215 quilômetros. Nós, em 40 meses, fizemos 150 quilômetros e já licitamos 350 quilômetros de mais ferrovias.

O Brasil, quando eu ganhei as eleições, não produzia trilhos, não produzia vagão e não produzia locomotiva. O Brasil está produzindo trilho, está



produzindo vagões e está produzindo locomotiva. Nós fizemos um sacrifício todo e agora nós temos pela frente não ficar discutindo o passado, mas fazer as propostas do que nós queremos para o futuro, tanto em nível de desenvolvimento... eu dei alguns exemplos para vocês: o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Pólo Siderúrgico do Rio de Janeiro, o Pólo Siderúrgico do Ceará, a Ferrovia Transnordestina – ligando o Porto de Pecém ao Porto de Suape –, o H-Bio e a TV Digital, com o acordo com os japoneses para trazer para o Brasil a fábrica de semicondutores, para que o Brasil entre na era da microeletrônica porque, em 1990, algumas empresas que estavam aqui foram embora para o mundo asiático. E nós estamos querendo trazer de volta, para o Brasil entrar nessa área extremamente sofisticada.

**Jornalista:** Mas o que é preciso fazer para consolidar isso, para levar para a frente? Quais seriam as prioridades imediatas no segundo mandato?

**Presidente:** Primeiro, esses projetos já estão andando. Segundo, nós temos que manter a seriedade fiscal.

**Jornalista:** Isso quer dizer o quê?

**Presidente:** Isso quer dizer que a gente tem que controlar gastos, só gastar o que a gente puder gastar, investir muito em educação. Eu vou dar um exemplo do que é evitar gastos: o Congresso Nacional, na semana passada, aprovou a extensão do aumento do salário mínimo para todos os aposentados. Isso vai nos dar um rombo na Previdência de 8 bilhões de reais, só este ano.

Eu tenho eleições agora, eu poderia deixar passar, não fui eu que fiz. Mas a minha responsabilidade não me permite deixar passar. Portanto, o governo vai vetar. Vou vetar porque eu estou preocupado com o Brasil, não



estou preocupado com a eleição. A eleição é uma circunstância, mas o Brasil vai sobreviver às eleições.

Nós estamos acreditando fortemente no programa de energia renovável. Tem uma quantidade enorme de novas usinas se instalando no Brasil. O biodiesel... tem várias empresas montando, inclusive a Petrobras já contratou três plantas de biodiesel. E tudo isso vai significar o desenvolvimento do futuro.

**Jornalista:** Isso implica que o senhor não está procurando uma mudança radical no modelo, está procurando seguir...

**Presidente:** Não tem mudança radical no modelo. O que é mudança radical no modelo? O que o povo brasileiro quer? Que o Brasil cresça, e gere empregos que gerem renda para eles. É isso que nós vamos fazer. No dia em que aparecer alguém e disser assim para mim: "Presidente Lula, faça uma mágica aí, que você vai deixar de crescer 5% e vai crescer 30% ao ano e não vai ter inflação." Controlar a inflação não é pouca coisa num país como Brasil. Na Europa não, o controle da inflação já é consolidado, há muitos anos. Mas no Brasil, manter a inflação a 4,5% é uma verdadeira guerra. E nós vamos mantê-la, porque entendemos que a inflação é um ganho para os trabalhadores. O controle da inflação significa aumento de salário para a parte que trabalha neste país.

**Jornalista:** Uma preocupação de muita gente com quem nós falamos, tanto de fontes, tanto de leitores, é o ambiente jurídico no Brasil. Tem desde as acusações de corrupção no Congresso à flexibilização de leis, a interpretação das leis pelos juízes, tipo no caso da recuperação da Varig, que tem uma lei que está sendo testada, está sendo esticada em várias direções. Desde um ambiente geral de, por exemplo, essas matérias que têm saído recentemente sobre o número de parlamentares que são donos de TV e rádios. Esse tipo de



coisa, que cria uma preocupação muito grande nos investidores, de um ambiente de não exatamente respeito às leis. Existe algum imperativo de mudar esse ambiente?

**Presidente:** Primeiro, ninguém fez mais reforma no Judiciário do que o meu governo. Fomos nós que mandamos, para aprovar, todas as mudanças que houve no Poder Judiciário, inclusive criando um Conselho de Justiça.

É histórico, no Brasil, que poucas famílias detêm todos os meios de comunicação. É histórico, no Brasil, isso não é uma coisa recente, é uma coisa desde que começou a ter a comunicação com um peso importante aqui, no Brasil.

Agora, é importante saber que o Brasil convive com isso da forma mais democrática possível, ou seja, o Poder Judiciário tem muita responsabilidade. Qual é o dano que o Poder Judiciário criou a algum investidor estrangeiro, se ele estava dentro da legislação? Nenhum.

**Jornalista:** É que a legislação é flexível.

**Presidente:** Mas no mundo inteiro a Justiça é flexível, no mundo inteiro você tem o contra e o a favor, senão não precisava ter. Na Inglaterra tem advogado contra e advogado a favor, e ainda tem o Ministério Público. No Brasil também tem. E, os processos seguem, chegam na Suprema Corte e a Suprema Corte sempre tem decidido com a maior competência possível. Eu acho que tem poucos países que respeitam as coisas como o Brasil respeita.

Agora, quando uma empresa comete um ilícito, ela tem que ser punida, que nem é o caso do Brasil, nós não temos exemplos aqui. O que nós temos visto é nos Estados Unidos, as empresas fazerem coisas equivocadas e serem fechadas, o dono ser preso. Nós, no Brasil, temos vivido uma situação tranqüila, tanto no Congresso Nacional quanto no Poder Judiciário. Você tem



um problema numa instância, o processo é julgado na outra instância, até chegar na Suprema Corte, que decide. E a Suprema Corte tem se pautado pelo cumprimento da Constituição e pelas decisões corretas e justas.

Qual é o Congresso Nacional que não tem problema? Apontem-me um. Só não tem problema onde não tem Congresso Nacional. Eu vejo todo dia, na televisão: tem problema na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Itália. Na Itália nós vivemos um período em que, em poucos anos, nove primeiros-ministros caíram e a Itália continuou.

Aqui no Brasil, nós já consolidamos o processo democrático. Aqui nós já fizemos *impeachment* de um Presidente e não aconteceu nada. Eu governei um ano e meio com duas CPIs funcionando, ou três, e não aconteceu nada. As instituições funcionam, elas estão consolidadas e isso é muito importante. E é isso que eu tento passar para o mundo, cada vez que eu converso com as pessoas. Eu tenho pedido para os nossos parlamentares viajarem mais, para o presidente da Câmara viajar mais, para o presidente do Senado viajar mais, para que a gente possa fazer mais contratos e não permitir que as pessoas façam juízo de valor da gente por ouvir dizer, mas que façam juízo de valor conhecendo a realidade do nosso país. E, hoje, o país é um país de democracia consolidada. As instituições funcionam.

Aqui, neste país, acabou o tempo em que se assinava contrato e não se cumpria, agora se cumpre contrato. Cumpre-se as regras acordadas, desde o pequeno até o grande.

**Jornalista:** Uma outra preocupação de nossas fontes e leitores é que está um pouco difícil, não para o senhor, até para o candidato da oposição, criar uma plataforma que realmente difere do programa Lula. Os programas de governo, do jeito que estão, iniciados ainda, não estão consolidados, mas as grandes preocupações com a responsabilidade fiscal, com o crescimento setorial, são os mesmos. Como ser diferente o segundo mandato seu ou um governo de



Geraldo Alckmin?

**Presidente:** Nós não temos que ser diferentes. Veja, é muito difícil você, sendo realista, conhecendo o Brasil, fazer um programa que ninguém acredita que possa ser cumprido. Quem está no governo não tem que fazer um grande programa, quem está no governo tem que consolidar a sua política e apontar para a sociedade quais serão os próximos passos. Quem tem que ser diferente é a oposição, não é o governo.

Agora, a oposição também sabe que se ela prometer Papai Noel para o povo brasileiro, o povo não acredita nisso. Nós temos um histórico para debater, nós temos passado, presente e futuro para a gente debater. Nós temos que medir o que aconteceu no Brasil nos últimos 20 anos, nos últimos 30 anos, nos últimos dez anos, nos últimos quatro anos e, a partir daí, você vai fazer uma proposta de consolidar. Eu disse para vocês, do ponto de vista do desenvolvimento futuro no Brasil, nós poderíamos começar com a TV Digital, poderíamos passar pelo Biodiesel, pelo H-Bio, pelas ferrovias, pelas estradas, pelo Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, pelo Pólo Siderúrgico – tanto no Rio quanto no Ceará –, pela refinaria em Pernambuco, ou seja, não é pouca coisa, além dos 87 bilhões de dólares de investimento da Petrobras, dos quais 77 serão no Brasil.

Os gasodutos que estamos fazendo... o gasoduto Coari/Manaus, que vai permitir, definitivamente, a independência energética para Manaus; as duas hidrelétricas do rio Madeira, que nós pretendemos licitar ainda este ano, que vão produzir quase dez mil megawatts. Ainda do ponto de vista energético, o processo de água/energia que estamos construindo no Brasil, e que eu acho que nós temos tecnologia e condições de sermos competitivos. A produção e o crescimento do etanol no Brasil, tudo isso me dá o otimismo de que nós teremos um futuro muito promissor. E não jogarei isso fora, não tomarei nenhuma medida que seja populista a ponto de eu festejar de noite e chorar de



dia. Eu prefiro cautela, seriedade, porque canja de galinha e cautela não fazem mal a ninguém, muito menos a um presidente da República. Vamos continuar fazendo uma forte política social, até porque nós temos que recuperar desigualdades que foram acumuladas durante séculos.

**Jornalista:** Posso perguntar uma coisa sobre essa força institucional que o senhor desenhou. É suficientemente forte para parar um outro “mensalão”. Porque o “mensalão” demonstrou algumas fraquezas das instituições. Agora, que o tempo está passando, o episódio já está ficando para trás, como o senhor ...

**Presidente:** Primeiro, o episódio das CPIs no Congresso Nacional demonstraram o quê? Que o Brasil sobrevive a CPI. Eu não sei quantos países do mundo, e não sei quantos presidentes no mundo sobreviveriam a três CPIs funcionando concomitantemente. E, no Brasil, o governo sobreviveu e saiu fortalecido.

Agora, nós estamos com um processo no Poder Judiciário, que vamos ver se as denúncias são verdadeiras ou não, se têm procedência ou não porque, por enquanto, você tem o relatório da Câmara dos Deputados que vai para o Poder Judiciário. E nós vamos ver se a investigação do Poder Judiciário, o julgamento vai... E o Brasil sobreviveu a isso tranquilamente, sem que o presidente da República tivesse uma vírgula de interferência, em qualquer momento, no funcionamento das CPIs, e muito menos na imprensa brasileira. Nada funcionou com tanta liberdade neste país, como a imprensa brasileira, como as CPIs, porque eu acho que é isso que vai consolidar a democracia.

Você não consolida a democracia escondendo os fatos, e muito menos, evitando que eles sejam apurados. Uma pequena verdade vale muito mais do que uma grande mentira. E o Brasil de hoje é uma pequena verdade. Não queremos ser a eterna mentira, de que o Brasil jogou fora todas as



oportunidades que teve. E nós não queremos jogar fora, nós queremos consolidar. De frustração, chega a Seleção brasileira. Nós precisamos agora, na economia e na política, recuperar a solidez interna e externa do Brasil.

**Jornalista:** E não mudar o modelo?

**Presidente:** Veja, você vai mudando as coisas na medida da evolução. Se você me perguntasse, três anos atrás, se nós íamos fazer os investimentos que estamos fazendo, eu diria: não temos dinheiro para fazer. Mas hoje nós temos. Então, nós vamos fazer. O investimento em educação vai continuar por quê? Porque a única possibilidade de o Brasil se transformar numa nação desenvolvida é o investimento na educação. Cuidar do ensino fundamental, cuidar do ensino médio e cuidar do ensino universitário. Isso vai ser possível fazer em três, quatro anos? Não, isso vai levar uma geração para fazer, mas alguém tem que começar.

**Jornalista:** Mas o senhor, agora, se sente mais tranqüilo, depois do... o ano passado deve ter sido muito difícil?

**Presidente:** Deixe-me falar uma coisa para você, eu nunca perdi a tranqüilidade. Te falo isso com a fé que eu tenho em Deus, em nenhum momento eu perdi a tranqüilidade.

**Jornalista:** Alguns momentos de ansiedade, de tensão?

**Presidente:** Alguns momentos de angústia, porque você ser caluniado... No Brasil é assim, um cidadão comum pode abrir um processo contra o presidente da República, mas o presidente da República não pode abrir um processo contra um deputado que o caluniasse, porque ele tem imunidade. As minhas



inquietações e as minhas frustrações não cabem, enquanto eu exercer o mandato de presidente da República. Ser presidente da República é ter um cargo muito importante para a gente ficar dizendo o que não deve e ficar ofendendo pessoas, ficar culpando pessoas. Não é esse o papel do presidente da República.

Quem sabe, um dia, todas as minhas inquietudes, as minhas angústias possam ser ditas, mas quando eu não estiver mais com a responsabilidade de ser presidente da República. Eu digo sempre que o presidente da República tem sempre que se posicionar como os pais. Você tem quantos irmãos?

**Jornalista:** Um.

**Presidente:** E você?

**Jornalista:** Também.

**Presidente:** Eu tenho muitos. Quando você é pequeno, você briga muito com os seus irmãos. Se não tiver o pai e a mãe para ficar contemporizando, a família entra em guerra todo santo dia.

Então, o papel do presidente República é um pouco esse. Primeiro, ele não pode ficar nervoso. Segundo, ele não pode tomar nenhuma decisão extemporânea, ele tem que contar sempre até dez antes de tomar uma posição, ele não pode responder a tudo que lhe atacam. Muitas vezes, você é atacado e tem que devolver gentileza. Muitas vezes, as pessoas transmitem ódio contra você e você tem que transmitir paz para elas. Esse é o papel. O dia em que eu não for presidente da República, aí eu posso falar o que eu quero, do jeito que eu quero.

**Jornalista:** Então, o senhor tem que estar acima, um pouco, de tudo isso, não



é?

**Presidente:** Tem, o Presidente tem que estar acima de tudo.

**Jornalista:** Manter uma distância.

**Presidente:** O Presidente tem que estar à distância. Eu, por exemplo, acho que uma das grandes reformas que nós vamos ter que fazer, no próximo ano, é a reforma política. A reforma política é urgente e necessária no Brasil.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque é preciso consolidar os partidos políticos, dar seriedade aos partidos políticos, fidelidade partidária, financiamento público de campanha. Algumas coisas têm que ser feitas para que a política brasileira seja melhor vista pela sociedade.

**Jornalista:** É mais urgente essa reforma?

**Presidente:** É, na verdade, já deveria ter sido feita há tempo. Acontece que para fazer reforma política, você precisa do Congresso Nacional. Nós temos que ver, se tiver um Congresso novo, é o momento de você ter oportunidade de fazer a reforma política.

Eu, por exemplo, sempre me manifestei contra a reeleição, acho que a reeleição é uma coisa ruim, não é uma coisa boa. Nós vamos ter que criar força política... É melhor você ter um mandato de cinco anos sem reeleição. É muito melhor. Agora, é preciso que haja acordo dos partidos políticos para que a gente consiga fazer isso.



**Jornalista:** O senhor tem confiança que pode haver um acordo, assim, com o PSDB, sobre isso?

**Presidente:** Eu sempre sou um homem de muita confiança, eu sou muito otimista. É por isso que eu digo sempre que nós, brasileiros, não desistimos nunca.